

DESNATURALIZAR O OLHAR SOBRE AS TEMÁTICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO PROCESSO EDUCATIVO EM ARTES VISUAIS

Letícia Ravello

Resumo: O presente estudo tem por objetivo tensionar questões relacionadas à gênero e sexualidade como temáticas do processo educativo em artes visuais, a partir da perspectiva da cultura visual. A concepção de desnaturalizar perpassará a escrita deste artigo, pensado-a como um ato educativo, onde desnaturalizar-se significadeslocar o olhar para com o outro, em um movimento de relações, no qual faz parte deste processo a subjetivação. Aonde, busco nos meus estágios curriculares, investigar como ocorre essa subjetivação, por meio de imagens oriundas do campo artístico e da publicidade, sob a perspectiva de estudo da cultura visual. Em vista disso, desnaturalizar o olhar sobre estereótipos construídos a cerca destes artefatos culturais produzidos pela cultura, arte e publicidade, busca-se potencializar problematizações das temáticas de gênero e sexualidade no ambiente escolar, pois é no cenário educacional que encontramos também um espaço de produção do conhecimento e outros saberes. Neste sentido, este artigo é o resultado de um projeto de pesquisa e ensino do estágio supervisionado. A metodologia do trabalho admitiu a prática como pesquisa, a bricolagem, perspectiva cunhada por Kincheloe e Berry (2007) que consiste na flexibilidade de o investigador, fazer uso de diferentes abordagens metodológicas que dialogam entre si para dar conta de seu objeto de pesquisa. Serve como meios na pesquisa, com o intuito de justapor diferentes ideias, conceitos e ações em relação as temáticas abordadas. Intuo a necessidade, nesses espaços de saberes, como é imprescindível trabalhar com as imagens, para estabelecer relações, a partir da visualidade, que instigue para outros apontamentos.

Palavras-chave: Gênero, Sexualidade, Desnaturalizar, Cultura Visual, Artes Visuais.

Gênero e sexualidade: como temáticas do processo educativo em artes visuais

A escola é um ambiente de pluralidade e quando falamos sobre educação é imprescindível relacionarmos-nosalguns temas contemporâneos, como: mídias, sexualidade, tecnologias, gênero entre outros. O cenário educacional é um espaço de conhecimento e saber, além disso, produz relações. Um espaço que tem responsabilidade pedagógica na formação de representações, subjetividades e referências de crianças e jovens. Com isso, ao tratar sobre arte, a imagem e suas múltiplas possibilidades, a partir da perspectiva da cultura visual, de acordo com Fernando Hernández (2007, 2009), estamos potencializando o pensamento entorno da imagem.

Compreendo que a produção de conhecimento e informações não se restringe apenas ao espaço escolar, mas em diferentes contextos. Partindo desse pressuposto, penso que a docência pode fazer uso desses espaços de saberes para servir como meio para trabalhar diferentes temáticas, aproximando o ensino das artes visuais de experiências de vida. A escolha pelas temáticas de gênero e sexualidade parte das percepções de intolerância à diversidade no cotidiano, que vem ocorrendo recorrentemente. Assim, penso como sendo papel da escola e conseqüentemente do professor, o desnaturalizar esses pré-conceitos arraigados em nossa sociedade.

A partir dessas trocas, vivências, experiências, problematizações é que ocorre o processo de subjetivação, levando em conta as teorizações de Michel Foucault (1985, 1988), são processos em que o indivíduo se constitui a partir do coletivo, em uma produção incessante que acontece a partir do encontro que vivemos com o outro. Esses modos de subjetivação que cooperam para produzir formas de vida e organização social distintas, no qual, somos afetados por concepções e ideias de diferentes vias, contribuem na constituição do sujeito e compreende enquanto regras e valores. Ao pensar sobre essa desnaturalização, entendo como um deslocar do olhar para com o outro, em um movimento de relações, no qual faz parte deste processo a subjetivação

Por conseguinte, para Foucault (1985), os modos de subjetivação envolvem fundamentalmente a produção de efeitos sobre si mesmo. E é a partir dessa perspectiva foucaultiana que buscamos trabalhar com as temáticas de gênero e sexualidade no cenário educacional, através destas concepções, do imaginário dos estudantes e de imagens publicitárias e do campo artístico, para promover diferentes questionamentos. De tal forma, procuro desconstruir ou estreitar a relação entre a arte, cultura visual e a produção de gênero e sexualidade, através das representações construídas por diferentes artefatos culturais, além das referências vivenciadas no cotidiano dos estudantes e artistas contemporâneos. Para Foucault (1985) o sujeito é constituído a partir de imposições que são exteriores, sendo compreendidas como produto das relações de saber e poder.

Somos produzidos por meio de experiências e forças exteriores, que nos afetam ou não, e que por sua vez tomamos como discurso. E esses discursos, reforçam quem somos. Assim como Simone Beauvoir, afirma que, “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (1980, p.9), essa frase teve um grande impacto em todo mundo, ganhando repercussão e força nos movimentos feministas. A questão de gênero é imprescindível no cenário educacional, pois estabelece expectativas culturais a respeito do que se

espera de um homem e de uma mulher num determinado momento histórico. Contudo, o conceito de desnaturalizar o olhar a esses ‘modelos’ constituídos socialmente e historicamente, possibilita pensarmos além do que se é ao que não se é, mas do que se pode ser, ou ainda, deslocar as afirmações e relativizar. Como explicita Cunha e Rower:

Estranhar/desnaturalizar são atividades de pensamento, movimentos que levam a outras formas de relação, de práticas. Estranhamento/desnaturalização, como ato pedagógico, configura-se como processos dissonantes, com fins indefinidos (p. 28, 2014).

O conceito de gênero surge a partir dos estudos e movimentos feministas para chamar atenção para o caráter social. Gênero refere-se a uma identidade adotada ou atribuída a uma pessoa, se trata ainda de uma construção cultural, social e histórica. Como Louro coloca, “gênero se constitui com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas” (1997, p.22). Identidade de gênero é a forma como o sujeito, se enxerga, sente, identifica como fazendo parte, numa percepção pessoal, auto-intitulação, construções sócio-culturais, manifestações externas da personalidade que refletem essa identidade.

Para Foucault a sexualidade, é um ‘dispositivo histórico’ e que “não se deve concebê-la como uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar” (Foucault, 1988, p. 100). O conceito de dispositivo, para o mesmo, emprega em três apontamentos: primeiramente há uma urgência histórica, multilinear, onde cada cultura desenvolve de uma forma diferente e está relacionado a outros dispositivos que são contemporâneos.

Portanto, a partir desses apontamentos, podemos afirmar que esse “dispositivo” sucede com a sexualidade e conseqüentemente com gênero, como uma construção histórica, produzida na cultura, sociedade, mídia, religião e a partir de encontros que produzimos com outros indivíduos e espaços. Contudo, Louro afirma que “a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política: a sexualidade é “aprendida, ou melhor, é produzida, ao longo de toda vida, de muitos modos, por todos os sujeitos” (Louro, 2007, p.11). A sexualidade assim como gênero, não se constituem como temas que buscam um consenso, aliás envolvem uma disputa de valores, de

poderes, de comportamentos legitimados como o certo e/ou verdadeiro, como uma espécie de disputas de dicotomias.

A desnaturalização das explicações dos fenômenos sociais, são importantes no ambiente escolar, e busco a partir da arte, das visualidades e das mídias tratar desses temas tidos como tabus, além de procurar pensar que se trata de uma tendência natural e imutável construída/normatizada pela vontade humana, mas que pode ser movimentada a partir das relações que produzimos, sob a perspectiva dos estudos da cultura visual. Entrelaçando o deslocar do olhar para com o outro, em um movimento de trocas, relações, no qual produz a subjetividade.

Experiência educativa: como um lugar de encontro.

Parto da premissa de que a experiência educativa seja um lugar de encontro, produzida no conjunto, como Oliveira (2013) ressalta. Por mais que esses encontros sejam organizados/planejados anteriormente pelo docente, só acontecem diante do coletivo. Não pretendo fazer uma descrição da experiência pedagógica que realizei em uma escola estadual, mas perceber como ocorre o processo de subjetivação em relação às temáticas de gênero e sexualidade nas aulas de artes visuais e o meu processo como docente em formação. Assim, a pesquisa torna-se desafiadora ao pensar em como expor esses processos, visto que, ao tratarmos de subjetividade não conseguimos ter uma materialidade, neutralidade, pois de alguma forma não se trata de um objeto de pesquisa palpável.

Sendo assim, ao falar de subjetividade, fala-se também do que acontece no íntimo do sujeito, como ele se vê, sente e/ou identifica, e como essas posições de “fora” o afetam, dialogando com a manifestação de liberdade e de ação do sujeito, adotando assim um sentido de ser. A subjetividade é construída ao longo do tempo, e nos permite interpretarmos, experimentarmos e questionarmos em relação ao que vemos. As imagens nos constroem como sujeito, produzindo assim nossas subjetividades, pois desde que nascemos como Mitchell (2009) ressalta, somos alfabetizados primeiramente pelas imagens, construímos imaginários a partir das imagens que nos interpelam e dos repertórios visuais que vamos guardando.

Pensar, problematizar e questionar as interpretações firmadas e outras que possam ser instigadas pelas imagens, é disso que trata o desnaturalizar o olhar, talvez mover, borrar, deslocar certos estereótipos produzidos por artefatos como: a cultura, arte

e publicidade, e com isso, buscar potencializar problematizações das temáticas de gênero e sexualidade no ambiente escolar. Diferentes propostas foram realizadas com uma turma de 9º ano, na rede pública de ensino, para a construção da temática central, além da elaboração de conceitos, referente ao projeto de estágio e trabalhos em grupos. Com isso, destaco uma proposta realizada nessa turma em relação ao imaginário dos estudantes, das pressões sociais e os valores culturais que promovem a produção do sujeito. De acordo com Louro (1997), as relações pedagógicas que são construídas no contexto educacional estão carregadas de signos por meio das quais os jovens aprendem regras, conteúdos e valores. E como isso, determina como os mesmos ‘devem ser e agir’ referente ao gênero.



Figura 1 e 2: Proposta corpos, acervo pessoal.

A proposição era de uma construção em torno do imaginário e universo feminino quanto masculino através da elaboração de moldes do corpo humano, com palavras e imagens se que relacionassem com cada sexo. Essa proposta específica teve grande aceitação por parte dos estudantes, dividi-os em dois grupos, e cada grupo ficou encarregado de relacionar essas imagens e palavras com um sexo biológico. Nesse trabalho, aponto o entendimento e crescimento dos estudantes referente a conceitos e ideias sobre gênero e sexualidade. Sobretudo, busco assinalar as pressões sociais e os valores culturais que as imagens promoveram no processo de subjetivação do sujeito e principalmente de gênero e sexualidade no processo educativo. A partir da perspectiva foucaultiana, percebo como esses sujeitos são produzidos, por essas imagens e quem são, a partir dos coletivos/convívios que participam.

Ao tratar da cultura da mídia, Kellner (2001) ressalta que as pessoas formulam, a partir dela, inúmeras questões como a diversidade de classe, sexo, racial, gênero e suas análises a respeito do certo/errado, bom/mau, moral ou imoral. Com isso, faço uso de dispositivos como: filmes, publicidades, curtas e outras materialidades da cultura da mídia para trabalhar com diferentes abordagens, questionando os estudantes sobre assuntos que fazem parte do projeto e outros que sejam importantes no ambiente escolar.

Assinalo outra proposta realizada, que teve início com a apresentação de um curta-metragem brasileiro: “Eu não quero voltar sozinho” (2010), onde tratava de relações de gênero, sexualidade, deficiência visual, preconceito, puberdade, bullying entre outros assuntos que permeiam o cotidiano desses estudantes. O interessante dessa proposta foi perceber as reações, a forma como se identificaram com o curta, as risadas, conversas paralelas, a partir do dispositivo, o que possibilitou inúmeras problematizações referente a temática do projeto, pois dentro desses espaços de saberes, me percebo como alguém que media o conteúdo, que por sua vez, busca problematizar questões referentes aos assuntos, e não estabelecer oposições nas discussões.

Procurei palavras relacionadas ao projeto, aos dispositivos lançados nos encontros e as repostas dos estudantes, para criação de narrativas onde eles pudessem fazer uso dessas palavras. Organizados em grupos, eles foram convidados a escrever e pensar sobre as palavras, o que gerou, em um primeiro momento, desconforto e dificuldade, pois evidenciou a dificuldade de escrita, bem como, de criação de narrativas referente às problemáticas levantadas em aula.



Figura 3: Proposta de narrativas escritas, acervo pessoal.

Após pensar sobre o resultado final desta atividade, percebo e compartilho nesta escrita, que a maioria dos estudantes conseguiram criar frases utilizando essas palavras, fazendo uso de questões trabalhadas em aula e dos dispositivos levados, mesmo apresentando certa dificuldade. A continuidade dessa proposta foi conversar sobre o conceito de narrativa, quais as possibilidades de narrar e de produzir narrativas visuais, e desdobrar tal conversa em uma materialidade. Os estudantes buscaram entre fotografias, stickart e lambe-lambe para produzir uma narrativa visual que contemplasse as temáticas produzidas anteriormente. Dentre os temas trabalhados pela turma, destaco as temáticas sobre violência contra mulher, sentimento e escolha sexual.



Figura 4 e 5: Produção de narrativas visuais e aplicação, acervo pessoal.



Figura 6: Produção visual, acervo pessoal.

Imagens publicitárias como disparadores para pensar o ensino de Artes Visuais.

Os meios de comunicação garantem o acesso de informações à todas as camadas sociais, além de estreitar as relações com os estudantes, pois essas imagens, produzidas pela cultura, geralmente intervêm na formação dos sujeitos. Portanto, as mídias de um modo geral, possibilitam um diálogo e uma maior interação com os estudantes.

Para a cultura visual, as imagens possibilitam uma infinidade de interpretações e pensamentos, a qual nos estimula pensá-las no campo das artes em relação à educação. Instiga problematizarmos experiências culturais e seus efeitos. Nesse sentido, o espaço educativo precisa possibilitar diálogo de temáticas variadas, abarcando aquelas que também não estão em voga. Buscando a interlocução dos estudantes com outras maneiras de construir seu processo de aprendizagem. Como explicita Hernández (2007, p. 37):

Trata-se de se aproximar destes "lugares" culturais, onde meninos e meninas, sobretudo jovens, encontram hoje muitas de suas referências para construir suas experiências de subjetividade. Uma referência que não costumam ser levadas em conta pelos docentes, entre suas razões, porque as consideram pouco relevantes, a partir de um enfoque do ensino centrado em alguns conteúdos disciplinares e em uma visão da escola de cunho objetivista e descontextualizado.

O professor vem ganhando novos caminhos nesses lugares de encontro, além de mediar os conteúdos e assuntos, têm como função a de questionar, inquietar e de movimentar o conhecimento. Desta forma, fazer uso das imagens oriundas do campo artístico e da publicidade, sob a perspectiva de estudo da cultura visual, é pensá-las como dispositivos educativos e de iguais importâncias, pois como ressalta Fernando Hernández (2007), as imagens conotam potencialidades assim como narrativas escritas, contudo tem seu próprio discurso, que é tão plausível quanto um texto. E como podemos fazer uso dessas imagens, nos diferentes espaços e disciplinas, quando tratamos de experiências educativas?

Como trabalho final dessa experiência pedagógica, fiz uso do artefato cultural, que são as imagens publicitárias, com a pretensão de questionar os estudantes o que essas imagens provocavam neles, buscando assim, investigar como ocorrem os processos de subjetivação diante de uma outra relação com as imagens. É preciso destacar o quanto essas representações visuais interferem na forma de reiterar o que é masculino e feminino e na banalização do nosso olhar diante desses artefatos. Assim, trabalhei com a questão de gênero e sexualidade no espaço escolar, na sociedade e na mídia, conceituando as diferenças entre publicidade e propaganda.

Preocupe-me em levar imagens da publicidade que destacassem posicionamentos sociais sobre a sexualidade, além de inserir imagens de obras da história da arte, e outras imagens reproduzidas pela publicidade para anunciar produtos. As imagens escolhidas chamaram a atenção dos estudantes, tanto no que se referia à

publicidade, como o modo como os artistas em diferentes épocas representavam a figura feminina e masculina, associando com as imagens publicitárias mostradas anteriormente. Propus para a turma trabalhar com a produção de uma propaganda e/ou fanzine, onde pudessem fazer uso de diferentes temas na criação de uma narrativa visual.



Figura 7 e 8: Proposta fanzine ou propaganda, acervo pessoal.

Nesses trabalhos visuais produzidos pelos estudantes, percebo o interesse em trabalhar com fanzine, já que até então não conheciam essa possibilidade artística. Destaco a forma como cada estudante procurou trabalhar de forma diferente, já que a proposta temática era livre. Entretanto houve, vários estudantes que procuraram fazer uso de temas trabalhados anteriormente nas aulas de artes, como orientação sexual, empoderamento feminino, violência contra mulher e o corpo.

Considerações Finais:

Não somos separados do mundo, nos formamos como sujeito, a partir do coletivo, em uma produção incessante que acontece a partir do encontro que vivemos com o outro. Por conseguinte, para Michel Foucault (1985), os modos de subjetivação envolvem fundamentalmente a produção de efeitos sobre si mesmo. Dessa maneira, repensar a educação e a arte, se faz necessário diante de temas contemporâneos e emergentes no cenário educacional, com isso, estabelecer relações entre arte e publicidade é uma das possibilidades para discutir as questões de gênero e sexualidade, na perspectiva de desnaturalizar o olhar a ‘modelos’ constituídos socialmente e historicamente legitimados, sob a perspectiva da cultura visual.

Ao tratar desses temas, percebo o quão é importante a escuta e saber respeitar a opinião do outro, mesmo que vá ao desencontro do que acreditamos e a forma como escolhemos atuar naquele espaço, pois desde a infância o sujeito desenvolve modos e expectativas sobre como devem se comportar e relacionar com os outros e a escola não

apenas repercute essas concepções de gênero e sexualidades, que é reflexo de nossa sociedade, mas também as reproduz, como ressalta Louro (1997, p.57). Atribuímos certas brincadeiras para meninas e outras para meninos, sem nos darmos conta, de que com isso, determinamos e reafirmamos o que é o adequado para cada sexo, como se houvesse sempre essa dualidade. Por sua vez, essas concepções são ensinadas e conseqüentemente reforçadas por suas famílias, mídias, comunidade em geral às quais os sujeitos pertencem.

Sendo assim, procurei fazer menção sobre o projeto de pesquisa que desenvolvi em meus estágios curriculares e de algumas experiências educativas, onde busquei fazer uso de artefatos culturais para abordar as temáticas de gênero e sexualidade por meio de imagens oriundas de meios culturais e artísticos, a fim de pensar a partir da perspectiva da cultura visual como um dos modos de desnaturalizar o olhar sobre estereótipos produzidos pela cultura, arte e publicidade. Sobretudo, porque busquei problematizar tais temas e abordar os mesmos de forma natural, de modo que pudéssemos junto aos estudantes, deslocar o olhar controlado e padronizado, pensar outras vias para tais assuntos, visto que, há urgência por trabalhar essas temáticas no espaço escolar, há urgência de pensar no coletivo, de olhar para o outro como quem olha para si mesmo.

Referências:

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

CUNHA, Jorge Luis. ROWER, Joana Elisa. **Ensinar o que não se sabe: estranhar e desnaturalizar em relatos (auto)biográficos**. Santa Maria | v. 39 | n. 1 | p. 27-38 | jan./abr. 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade. V.1: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.(p. 5 a 146).

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade. V.3: O Cuidado de Si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.(p. 9 a 127).

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual: uma proposta para uma nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Da alfabetização visual ao alfabetismo da cultura visual**.

EnMARTINS, R y TOURINHO, I. (Eds.) Educação da cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2009.(p. 189 – 212).

KELLNER, D. **A Cultura da mídia**. Bauru (SP): Edusc, 2001.

KINCHELOE, J. L. y BERRY K. S. **Pesquisa em educação: conceituando a bricolagem**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.(p. 7 a 43).

MITCHELL, W.J .Thomas. **Teoría de la imagen**. Vol. 5. Ediciones Akal, 2009.

OLIVEIRA, Marilda. **O que pode um diário?** . In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. **Processos & Práticas de Pesquisa em Cultura Visual & Educação**. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2013. p. 225-236.